

João Ermida

Vem a Fátima
falar comigo

OFICINA
DO LIVRO

1

Sacrificai-vos pelos pecadores e dissei muitas vezes, em especial sempre que fizerdes algum sacrifício: Ó Jesus, é por Vosso Amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria. (¹)

(Nossa Senhora aos Pastorinhos em Fátima,
3.^a aparição, no dia 13 de julho de 1917)



A voz soprava na minha cabeça, de forma contínua, há algum tempo. «Sacrificai-vos pelos pecadores.» Os dias estavam sombrios, assim como os meus pensamentos. Tinha dito a mim mesmo que hoje limparia as folhas do jardim. Havia semanas que não o fazia, e a caruma dos pinheiros e as folhas dos carvalhos amontoavam-se por cima da relva, dando um ar deveras bucólico a todo o jardim que rodeava a minha casa. Desci as escadas que me levavam ao jardim e deitei mãos à obra. Os pássaros chilreavam e acompanhavam-me no trabalho de varrer e empilhar caruma e folhas em pequenos montes.

Esta pequena ocupação fazia-me cansar e retirava-me da pressão em que me encontrava. Procurava ansiosamente respostas para a minha vida futura e por vezes nada melhor do que o exercício físico para nos distrair dos pensamentos. Mais um monte e podia dar a tarefa por acabada. Já se tinham passado duas horas. Estava na altura de fumar um merecido cigarro.

Sentei-me numa espreguiçadeira junto a um dos pinheiros que mais contribuía com caruma para o jardim. Acendi o meu tão merecido cigarro e pus-me mais uma vez a pedir ao Universo para que conseguisse encontrar soluções para a minha vida. Tinha lido em tempos que devemos falar dos nossos problemas junto da Natureza. A Natureza dá-nos pistas, dizia o autor. Ver as árvores a crescer lentamente é um guia para não sermos tão apressados nos nossos desejos, aprendera nesse manual de sobrevivência para almas ansiosas como a minha. Aproveitei este momento de coexistência com a Natureza para mais uma vez elevar os meus pensamentos e os meus pedidos. Em resposta aos mesmos, de novo ouvi uma voz na minha cabeça dizer-me: «Sacrificai-vos pelos pecadores.»

A resposta à minha ansiedade voltava a ser um simples pedido. Eu, chegado aos 50 anos, desejava um guia para o meu futuro, pois sentia que a minha vida se encontrava num beco sem saída, e aquilo que obtinha por resposta era que devia fazer sacrifícios pela conversão dos pecadores? Puxei uma passa profunda do cigarro, até que senti que os pulmões não podiam com mais fumo.

De um momento para o outro, lembrei-me que aquela era uma frase que eu conhecia. Sim, agora recordava-me. Fora um pedido que Nossa Senhora fizera aos três Pastorinhos de Fátima. Eu já não rezava havia muitos anos. Bem, até rezava. Quando ia a algum funeral ou casamento dizia, como muitos outros, o Pai-Nosso e fazia o sinal da cruz, de forma muito automática.

Comecei então a lembrar-me de que em miúdo rezava com a minha mãe, em honra de Nossa Senhora. Será que agora viriam de uma vez por todas as respostas às minhas perguntas, que naquele tempo eu não era capaz de ouvir? Eu era muito monótono nos meus pensamentos e de todas as vezes perguntava a mesma coisa. Vou

viver sempre com os meus pais? A minha mãe vai morrer? Eu vou morrer e vou para o Céu? Como todas as crianças, estes eram os assuntos para os quais eu queria resposta de Nossa Senhora.

A minha mãe dizia para não me preocupar com essas coisas da morte e rematava sempre com: «Não te preocupes, que Nossa Senhora vai levar-te para o Céu, como prometeu aos Pastinhos de Fátima.» Comecei então a pedir à minha mãe para ir para o quarto mais cedo que toda a gente lá em casa. Dizia que me sentia mais seguro, até porque ainda iam ficar todos acordados e se eu precisasse de alguma coisa, estariam lá para me ajudar. Fingia que adormecia rapidamente, apagando quase de imediato a minha luz de cabeceira, que adorava, pois o candeeiro era um boneco do rato Mickey. O meu pai tinha-mo trazido numa viagem que fez aos Estados Unidos e eu ficava horas a imaginar histórias com as várias personagens da Disney, quando olhava para ele.

A realidade era que assim que apagava a luz do meu rato Mickey começava a fazer as perguntas de sempre a Nossa Senhora. As mesmas perguntas, as mesmas dúvidas. No colégio que frequen-

tava, a professora de Religião tinha-nos ensinado que nas localidades de Lourdes, em França, e de Fátima, em Portugal, Nossa Senhora tinha aparecido a algumas crianças, para lhes mostrar o Céu. Alguém me terá dito que lhes mostrou também o Inferno, mas nessa visão eu não estava interessado, até porque naqueles tempos tinha a mania de me esconder, com a filha de um dos nossos vizinhos, junto da caldeira que queimava carvão para o aquecimento de casa, quando estávamos a brincar às escondidas, e ficávamos cobertos de uma fuligem negra. O sítio fervia e dizíamos que aquilo devia ser o Inferno. O nosso Inferno não era bom nem mau. Era quentinho e um bom esconderijo. Ninguém gostava de nos ir procurar ali, e assim conseguíamos ganhar quase sempre o jogo das escondidas.

Voltando ao meu quarto, o que eu queria mesmo era saber se iria também para o Céu, quando morresse. Tinha 8 anos, e não achava que podia ir viver a minha vida sem saber se um dia iria para o Céu e como seria a vida por lá. Havia que montar uma estratégia. Se Nossa Senhora gostava de falar com as crianças, eu tinha de

arranjar maneira de falar com Ela. Comecei então a fazê-lo, primeiro muito baixinho, para ninguém poder ouvir e perceber que ainda estava acordado. Não conseguia obter resposta alguma. A estratégia de rezar baixinho a Nossa Senhora não estava a resultar.

Lá por casa deviam acreditar todos que eu era a criança mais feliz do Mundo, pois adormecia muito depressa. Ouvi um dia a empregada comentar com a minha mãe: «Que bom menino a senhora tem, sempre tão bem-comportado.»

Como a estratégia de falar com Nossa Senhora num tom de voz muito baixo não estava a funcionar, comecei a aumentá-lo ao fim dos primeiros minutos. Claro que por vezes adormecia logo e isso não acontecia, mas quando conseguia fazia ouvir a minha voz da forma mais clara possível. «Quando morrer irei para o Céu? Como é o Céu?» Mais silêncio. Isto do Céu devia ser algo muito complicado. Entendia muito melhor o Inferno. Era quentinho. Um pouco sujo, é verdade. Será que no Inferno todos conseguíamos entrar?

Pensava assim para comigo: mas que palermice estás tu a pensar. Aquele Inferno que eu conhe-

cia era quentinho, mas era sujo e perigoso, pois as fagulhas saltavam e por vezes queimávamos-nos. Não era assim tão bom. Agora, isto do Céu é que devia ser muito difícil. Nunca obtinha respostas às minhas perguntas. Somente a minha mãe podia acreditar naquela história. Tinha de ser coisa de pessoas mais velhas, que inventavam tudo isto, pois se calhar também tinham medo da morte e então criaram o Céu para as ajudar. Eu, que conhecia tão bem o Inferno, ainda pensei em partilhar com os meus colegas de escola um pouco do meu conhecimento, mas depois achei que podia ser perigoso. O meu Inferno era um bom esconderijo, e mais valia que poucos o conhecessem.

Era verdade que nas aulas de Religião todos os alunos falavam do Céu como algo que existia e que estava garantido a todas as crianças. Eu então um dia disse à professora Glória que todos íamos deixar de ser crianças e que se calhar o Inferno também podia ser uma alternativa. A professora ficou muito irritada comigo. Será que eu não percebia o risco de poder ir para o Inferno? Lá

só existem coisas más. Tudo é feio e horroroso. Ela estava vermelha com aquele meu comentário. Iria de certeza chamar a minha mãe e eu perdia os recreios e os passeios de bicicleta. Pior, podia até deixar de poder esconder-me no meu Inferno, e passar a ser sempre apanhado na brincadeira das escondidas. É claro que não me atrevi a dizer qual era a minha opinião, um pouco diferente, acerca do que seria o Inferno. Estes professores tinham sempre uma visão exagerada das coisas. Decidi que se acabavam os meus comentários nas aulas de Religião. Não ia comprar mais castigos. Tinha era de continuar a insistir com Nossa Senhora. Tinha de encontrar uma forma de Ela me explicar como se iria para o Céu. Não podia continuar com estas dúvidas por mais tempo. Isto tinha de ser explicado por Nossa Senhora e não por seres humanos como eu a dizer-me como era. Não funciona. Os mais velhos são muito complicados. Não explicam nada. Irritam-se pura e simplesmente. Ainda pensei que o meu pai podia ser uma ajuda, mas rapidamente percebi que ia ser complicado. Ele fazia equipa com a minha mãe, nestas coisas do Céu; por vezes rezávamos todos

juntos, quando ele chegava cedo do trabalho. Não me parecia uma boa ideia contar com ele. Muito arriscada.

Tinha de prosseguir com o meu plano. Continua a tentar falar com Nossa Senhora, que a resposta virá, dizia para comigo. Não te preocupes. Tentava assim acalmar-me, e no final estes meus pedidos insistentes resultaram em algo. Algo um pouco estranho. O meu Inferno foi fechado à chave e com um cadeado. O meu pai tinha comprado vários aquecedores pequenos e o aquecimento da casa pela caldeira ia terminar. Havia perigo de incêndio, disse-me a empregada. O Inferno afinal também podia ser um sítio complicado, comecei eu a pensar. O meu problema era que agora ia ficar sem saber se o Céu existia e se o Inferno era tão útil como me parecia. Nessa noite fui ainda mais cedo para o quarto e pedi muito a Nossa Senhora que respondesse às minhas perguntas. Obtive apenas silêncio, pois a minha cabeça não parava de pensar em tudo o que ia perder com o fecho das portas do Inferno. Só muito mais tarde viria a perceber que Nossa Senhora nos responde sempre, mas que temos de

ter o coração bem aberto e disposto a ouvir, como tinha acontecido com os Pastorinhos de Fátima. Eu queria respostas, mas não sabia ouvi-las, porque estava concentrado somente nas minhas ânsias.

Saí do jardim e voltei a entrar em casa. A voz já não me acompanhava no trajeto. Sentei-me no sofá e continuei a pensar no meu percurso de vida até hoje.

2

Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam. (1)

(Palavras do Anjo aos Pastorinhos na primavera de 1916)



O tempo foi passando, eu estava a crescer e essas questões já não eram para crianças com quase 13 anos. Agora já estava no Liceu e as preocupações eram diferentes. Tinha muitas disciplinas para estudar e muitos amigos com quem brincar. Não havia tempo para conversas sobre o Céu e o Inferno. Era obrigado a ir à Missa aos domingos, mas ia de bom grado, pois também por lá apareciam a Ritinha, a Marta e a Cristina, que eram obrigadas pelas mães a ir rezar uma vez por semana, como eu. Vinham sempre tão bonitas aos domingos. Eu estava apaixonado por todas elas. Não conseguia decidir a qual iria declarar o meu Amor. Podia ser às três, mas achava que isso

não ia funcionar. A uma de cada vez parecia-me uma boa opção. Seis meses com uma, seis meses com outra.

Se os 13 anos foram a descoberta do Amor na minha adolescência e se os 16 foram a descoberta das pequenas doses de droga e de álcool, então os 19 foi quando despertei para o que gostaria de ser. Percebi o que achava que queria. Pelo menos assim gritava com os meus pais, quando eles me perguntavam o que queria ser. Queria ser um Homem do Mundo. A minha mãe desesperava. O que queria isso dizer? Um Homem do Mundo? «Este nosso filho está louco», dizia ela ao meu pai. «Que Nossa Senhora lhe valha», era como terminava sempre os seus discursos sobre a minha pessoa. Eu bem que tentava explicar o que para mim significava ser um Homem do Mundo, mas parecia que ninguém me conseguia entender. Era tão fácil. Eu seria alguém que ia entender como o Mundo funcionava e ia ganhar dinheiro e muito dinheiro com isso.

Uma noite, o meu pai, depois de ouvir pela enésima vez esta minha explicação ao jantar, disse-me que estava na hora de termos uma boa conversa.